

ORAÇÃO DAS CHAGAS (CÓDS. ALCS. 89 E 221): EDIÇÃO PALEOGRÁFICA E CRÍTICA
PRAYER OF THE WOUNDS (CODS. ALCS. 89 AND 221): PALEOGRAPHIC AND CRITICAL EDITION

Marcos Alexandre dos Santos¹

RESUMO

Este artigo apresenta edição paleográfica e crítica de um texto medieval curto, identificado como *oração das chagas* nos códices alcobacenses 89 e 221 da Biblioteca Nacional de Portugal. Trata-se de uma parábola que propõe aos fiéis rezarem Pais Nossos e Aves Marias para cada uma das mais de cinco mil chagas infligidas ao corpo de Cristo, já que, uma vez completada tal tarefa, a alma estaria automaticamente salva de qualquer pecado, por pior que fosse ele para a doutrina Cristã. O presente estudo compõe-se de breve descrição do conteúdo da oração, discussão sobre suas possíveis fontes, breve descrição codicológica dos dois testemunhos que contêm o texto e apresentação da edição paleográfica e crítica do texto, precedida de descrição das respectivas normas de edição.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica textual. Religião. Idade Média. Alcobaça. Oração das chagas.

ABSTRACT

This article presents a paleographic and a critical edition of a short medieval text, identified as the *prayer of the wounds* in the alcobacenses codices 89 and 221 of the National Library of Portugal. It is a parable that proposes that the believers pray Our Fathers and Hail Marys for each of more than five thousand wounds inflicted on the body of Christ, and, once completed this task, the soul would be automatically saved from any sin, no matter how worse it was deemed by the Christian doctrine. The present study consists of a brief description of the contents of the prayer, a discussion of its possible sources, a brief codicological description of the two testimonies that contain the text and the presentation of the paleographic and critical edition of the text, preceded by a description of the respective edition norms.

KEYWORDS: Textual criticism. Religion. Middle Ages. Alcobaça. Prayer of the wounds.

Introdução

Encontra-se registrado nos códices alcobacenses 89 e 221 da Biblioteca Nacional de Portugal um texto curto que é designado no seu próprio interior como uma *oração das chagas*. Não se trata de uma oração propriamente dita, isto é, não é como as que circulam atualmente, como o Pai Nosso, a Salve Rainha ou o Credo. Esse texto curto em prosa se assemelha mais a uma parábola, que veicula uma mensagem ligando o suposto número de chagas no corpo de Cristo após a crucificação a uma quantia de Aves Marias e Pais Nossos a serem rezados para trazer a salvação e outros benefícios aos fiéis, daí a ideia de oração.

A priori, seu teor, ainda que em consonância com a temática religiosa, poderia sugerir tratar-se de uma composição totalmente original. No entanto, a história contada na oração evidencia uma origem

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), m.alexandre.s@outlook.com, <https://orcid.org/0000-0002-1645-3608>.

antiga e complexa. Dessa forma, para lançar luz sobre esse texto e contribuir para sua preservação e difusão, apresenta-se, no presente estudo, edição paleográfica e crítica da referida oração, levando em conta as versões que aparecem nos dois testemunhos já mencionados: os cód. alcs. 89 e 221.

1. Oração das chagas

1.1. Síntese do conteúdo

A oração das chagas dos cód. alcs. 89 e 221, em forma de parábola, tem por mote central a ideia de que o fiel que rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria para cada uma das 5195 chagas presentes no corpo de Cristo (após ter passado pelo calvário) alcançará salvação e outros benefícios.

Segundo a narrativa, essa revelação teria sido feita a um homem, que rezava de joelhos diante de um altar, por meio de uma visão que teve de Cristo, com quem trocou algumas palavras, tendo sido não só informado do número das chagas (algo que desejava muito saber) mas também dos benefícios que obteria, caso se compromettesse a rezar 50 vezes por dia, para cada uma delas, durante um período de tempo. Os benefícios envolveriam salvar-se de morte ruim e súbita, mesmo estando em pecado mortal. Eles se estenderiam ainda para amigos e parentes na mesma situação, que também seriam salvos. Até os já falecidos se favoreceriam: estando no purgatório, dele sairiam, indo direto ao paraíso.

Após tal encontro com o Filho de Deus, o homem se dirigiu a um mosteiro feminino e repassou a suas residentes o que havia acabado de lhe ocorrer. Tendo explicado no que consistiria a oração a ser feita, observou que nem todas as mulheres se sentiram impelidas a iniciar a oração. Após ele próprio ter completado o ciclo de orações, retornou ao mosteiro pedindo que lhe fosse revelado quais das mulheres também a completaram. Ao ver todas no altar, pôde notar que aquelas que o perfizeram reluziam, enquanto as que não o completaram tinham o corpo brilhante, mas a cabeça escura, e as que não rezaram eram escuras por inteiro.

Na última porção do texto é detalhada a quantia de Pais Nossos e Ave Marias a serem rezadas para se completar a oração. No entanto, o número não é o mesmo das 5195 chagas, mas 5200 (50 Pais Nossos e Ave Marias por 104 dias: $50 \times 104 = 5200$) e 5475 (15 Pais Nossos e Ave Marias por um ano: $15 \times 365 = 5475$). Aparentemente, a ideia principal não envolvia um número exato, mas a intenção e a disciplina de se fazer as orações por um longo período de tempo.

1.2. Possíveis fontes: o homem recluso do texto holandês e a mulher emparedada de Roma

O recebimento da revelação do número de chagas no corpo de Cristo é amplamente creditado a Santa Brígida da Suécia. No entanto, supõe-se que o nome dessa santa da Igreja Católica tenha sido colocado nessa história como forma de trazer visibilidade à ordem criada por ela, tendo o texto sofrido ajustes para se encaixar na biografia da religiosa. A narrativa que recorrentemente traz uma pessoa reclusa, a revelação do número das chagas e os benefícios de se rezar por elas aparece em diversos outros textos sem ligação alguma com Santa Brígida, com sua essência tendo começado a

circular amplamente em forma de texto a partir de meados da Baixa Idade Média, muito antes do próprio nascimento da santa, no séc. XIV. González (2005) revela que, desde o séc. XII, já havia circulação de escritos sobre uma figura *emparedada* em Portugal com essas mesmas particularidades.

É exatamente no prólogo ou “comentário introdutório” (ASKINS, 2007, p. 236) da chamada *Oração da Emparedada*, um dos dez livros ironicamente encontrados eles próprios emparedados em uma casa na vila de Barcarrota (Espanha) em 1992, escondidos da perseguição pela Inquisição, que se pode entrever características narrativas muito similares às da oração aqui editada. Alguns dados variam, sendo menos genéricos, como a localidade onde teria ocorrido a revelação, uma montanha em Roma, a uma anacoreta (a tal *emparedada*),² que também tinha o desejo fervoroso de saber a quantidade de chagas de Cristo. A ela, então, é revelado o número (6676), junto das graças a serem concedidas a quem rezar as orações mais quinze Pais Nossos e Aves Marias por um ano: quinze parentes deixariam de sofrer no purgatório e a alma daquele que tiver feito a oração, que não sofrerá morte repentina, seria acompanhada pelo próprio Jesus Cristo e pela Virgem Maria ao paraíso. Após isso, são apresentadas as quinze orações a serem feitas.

Segue-se, então, um novo comentário, relacionado a um eremita, amigo da anacoreta e também cristão devoto, que teve uma visão que comprovou a validade do poder da oração àqueles que dela duvidavam. Ele vai então a um convento e conta às freiras o que vivenciou. Em meio a outros detalhes narrativos, descobre-se que a oração seria efetiva até mesmo contra tempestades e raios.

A obra que inspirou as versões surgidas a partir do séc. XV sobre a emparedada teria sido escrita originalmente em latim no final do séc. XIV (ASKINS, 2007), baseada em outros textos do início deste mesmo século, sofrendo alterações pontuais a cada cópia. Askins (2007) especula que a origem teria se dado no norte da Inglaterra, local com um grande número de pessoas vivendo em reclusão religiosa.

O caráter “mágico” do texto, especialmente com a promessa de salvação automática da danação infernal uma vez completadas as orações, teria gerado ressalvas dentro da Igreja, que passou a desaconselhar sua leitura e disseminação, classificando-o como herético já a partir do séc. XVI (GONZÁLEZ, 2005), havendo intercorrências a ele ligadas até a metade do século passado, quando ainda era considerado uma piedade popular heterodoxa. Tido como uma espécie de amuleto, era carregado pelo dono como forma de proteção e, portanto, um objeto espúrio frente a doutrina da Igreja. Sua popularidade, no entanto, fez com que resistisse até os dias atuais, angariando fiéis que se sentem inclinados a considerar sua mensagem uma poderosa forma de meditação à parte do cânone católico.

² Os chamados *emparedados* ou *anacoretas*, sendo a maioria mulheres, eram aqueles que escolhiam viver trancados em uma cela com pequenas aberturas sem possibilidade de saída, até a morte, rezando, contemplando as divindades máximas da Igreja Católica e escrevendo livros sobre fé. Tal prática era muito comum durante a Idade Média, tendo sido registrada pelo menos a partir do século XII, e pode ser vista como uma exacerbação das práticas monásticas criadas ainda no primeiro milênio. Diferiam dos eremitas por estarem sempre atrelados a uma igreja e não viverem em isolamento absoluto, fazendo parte da vida comunitária, ainda que de maneira limitada, por vezes oferecendo conselhos a visitantes (WELLESLEY, 2018).

É importante assinalar também que Askins (2007) registra já se ter identificado relação entre a história em questão e o cap. 58 do *Vita Christi* de Ludolfo da Saxônia. Tal obra foi traduzida para o português e teria feito circular o tema já em língua portuguesa, como se vê no seguinte excerto, transcrito por Askins, da tradução portuguesa do *Vita Christi*, publicada em 1495, em Lisboa, por Valentim Fernandes e Nicolau da Saxônia:

A hũa bõa molher ã viuia ençarrada ou empardeada: ã desejava muyto saber o cõto das chaguas de xpõ e quãtas erã. Diselhe hũa voz ã foy enuiada do ceo stando ella fazêdo cõ choro oraçom a deos por aq̃llo. Cinco mil. q̃trocetos e e (*sic*) nouêta foram as chaguas ou feridas do meu corpo. E se tu q̃sieres seer chagado diras cada dia quinze vezes o pater noster cõ a aue maria: em memoria da m̃jha paixõ. E assy acabado o año teeras saudada ou dicta a cada hũa das dictas chaguas sua oraçõ ou saudaçõ. E aq̃sta oraçõ he muyto plazête a d̃s segũdo depois foy reuellado a huũ homẽ ã viuia aq̃tado (ASKINS, 2007, p. 242).

Dadas as similaridades, abre-se a possibilidade de a narrativa da oração dos códices alcobacenses ter surgido de um texto originalmente fragmentado da história da emparedada. Assim como nele não há as orações propriamente ditas, que aparecem no códice de Barcarrota, seria possível questionar se a figura feminina da emparedada, também ausente, teria sido suprimida dele acidentalmente, em virtude da transmissão do texto, ou propositalmente, como forma de incumbir a um homem o dom de receber uma revelação tão extraordinária do próprio nazareno.

Em contraponto, Askins (2007, p. 243) revela a existência de uma versão em que não é uma mulher quem tem a visão de Cristo, mas um homem, o que se aproxima muito mais da oração dos testemunhos alcobacenses. Ela seria parte de um livro de horas em holandês médio do séc. XIV. A tal homem, vivendo também em reclusão, teria sido revelado que seriam 5565³ as chagas de Cristo, para as quais ele deveria rezar quinze Pais Nossos e Ave Marias diariamente para ter sua alma salva, bem como a de uma única outra pessoa. Teria esse texto alguma relação, mesmo que longínqua, com a oração presente nos códices alcobacenses?

Trata-se de uma discussão instigante, não apenas pelo seu valor para a história da religião, já que a Igreja tratou de eliminar objetos que hoje poderiam servir como peças-chave no entendimento da origem deste texto, mas sobretudo pelo valor cultural para a sociedade. Uma tarefa essencial, mas que ultrapassa os limites da proposta do presente estudo, é a de investigar a relação da oração dos testemunhos alcobacenses com os demais testemunhos medievais que contêm texto vinculado à oração em análise.

³ Merece menção um traço curioso do texto em questão: nota-se que o número de chagas em toda a tradição é bastante variável, ainda que sempre estando na casa dos milhares: 5195, 5200, 5475, 5490, 5565, 6666, 6676. Trata-se de uma característica que aponta provavelmente para os problemas ligados à transmissão de textos, especialmente durante o período pré-imprensa.

2. Breve descrição codicológica dos códs. alcs. 89 e 221⁴

Apresentam-se, a seguir, breves descrições codicológicas dos códs. alcs. 89 e 221, baseadas nas informações reunidas em dois trabalhos recentes que se ocuparam desses manuscritos: Bico (2021), para o cód. alc. 89⁵ e Santos (2022), para o cód. alc. 221.⁶

O cód. alc. 89 tem 178 fôlios em papel de dimensões médias de 22 cm por 14,5 cm, organizados em 12 cadernos. O texto é escrito em uma única coluna, com número variável de linhas por fôlio (entre 19 e 33). Em tinta acinzentada, que aparenta esmaecimento, a letra é gótica, sem rubricas e com capitulares ausentes. A autoria, pela folha de rosto (que não é da mesma época de criação do manuscrito), é creditada a Melchior do Reys, não havendo informações biográficas adicionais sobre tal figura para confirmação. É datado do fim do séc. XV, sem um ano exato escrito em qualquer parte do códice, que não possui colofão. A oração das chagas ocupa os três fôlios finais (ff. 177r, 177v e 178r)⁷ do décimo segundo caderno. O último fôlio teve duas de suas partes cortadas em tiras retangulares, de modo que nele resta apenas a parte final da oração em seu terço inicial. Por inspeção visual da letra usada pelo único copista verifica-se que ele não é o mesmo do texto precedente, o *Espelho da Cruz*.

O cód. alc. 221 possui 146 fôlios em pergaminho, com exceção de três deles (uma folha de rosto e duas de guarda), em papel. A dimensão média de cada fôlio é 25,9 cm por 17,6 cm, distribuídos em 18 cadernos. O texto em tinta preta, em uma só coluna, com média de 30 linhas por fôlio e em letra gótica, conta com rubricas e capitulares (em parte filigranadas) nas cores azul e vermelho. Não há maiores informações sobre a autoria, com a folha de rosto atribuindo-a ao mesmo Melchior do Reys do cód. alc. 89. Não há colofão. A datação presente na folha de rosto (1510), provavelmente criada para catalogação muito depois da escrita do manuscrito, não é confiável, mas considera-se (INDEX, 1775; ANSELMO, 1925; AMOS, 1989) que a cópia se deu no início do séc. XVI. A oração está no décimo oitavo caderno, escrita em quatro fôlios (ff. 142v, 143r, 143v e 144r).⁸ O último deles tem uma dimensão menor, sendo uma tira de cerca de um terço de um fôlio inteiro. Os dois fôlios do meio têm exatamente 30 linhas, indício de que a oração do cód. alc. 221 foi escrita pelo mesmo copista do *Espelho da Cruz*, já que segue a regularidade do número de linhas deste texto, além de visualmente ser possível confirmar que o punho é o mesmo.

Para evidenciar a diferença de punhos no cód. alc. 89 e a identidade de punhos no cód. alc. 221 em relação à oração das chagas, vejam-se as seguintes figuras:

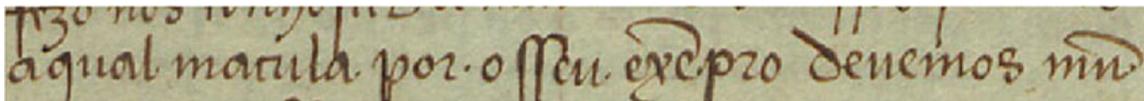
⁴ O presente trabalho não se deterá em descrever paleograficamente os códices estudados. Tais características não são relevantes para o enfoque do artigo e não contribuem de maneira significativa para a contextualização dos manuscritos.

⁵ *Fac-símiles* disponíveis em: <https://purl.pt/24261>.

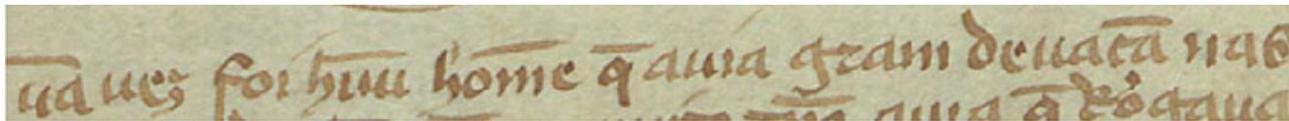
⁶ *Fac-símiles* disponíveis em: <https://purl.pt/24307>.

⁷ Nas versões em PDF e *on-line* do cód. alc. 89, disponíveis no *site* da BNP, tais fôlios estão nas páginas 359 a 361.

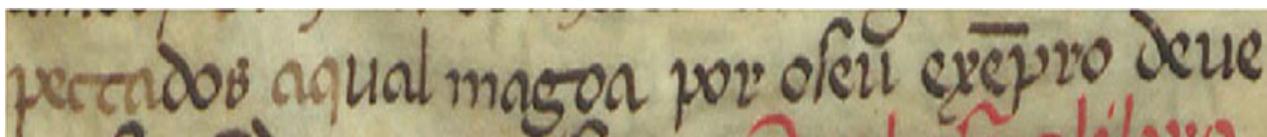
⁸ Nas versões em PDF e *on-line* do cód. alc. 221, disponíveis no *site* da BNP, tais fôlios estão nas páginas 290 a 292 e 255, nessa ordem.

Figura 1: Penúltima linha do *Espelho da Cruz* no cód. alc. 89 (f. 177r7)

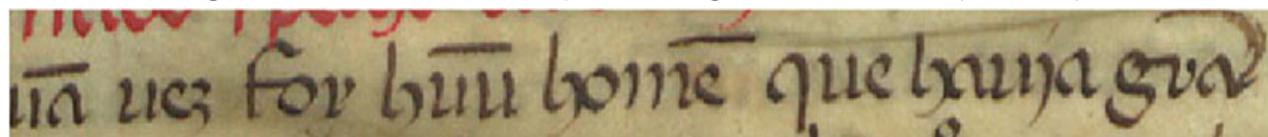
Fonte: Recorte feito pelo autor de fôlio da edição fac-similar do testemunho em questão.

Figura 2: Primeira linha da *Oração das Chagas* no cód. alc. 89 (f. 177r11)

Fonte: Recorte feito pelo autor de fôlio da edição fac-similar do testemunho em questão.

Figura 3: Penúltima linha do *Espelho da Cruz* no cód. alc. 221 (f. 142v15)

Fonte: Recorte feito pelo autor de fôlio da edição fac-similar do testemunho em questão.

Figura 4: Primeira linha da *Oração das Chagas* no cód. alc. 221 (f. 142v18)

Fonte: Recorte feito pelo autor de fôlio da edição fac-similar do testemunho em questão.

Pelos exemplos apresentados, percebe-se diferenças na morfologia e no peso dos caracteres da figura 1 para a figura 2. Entre si, as ocorrências de *a* na figura 2 seguem um padrão, havendo um ângulo agudo na porção superior do caractere (como em *auia*), o que provavelmente indica duas fases na grafia do caractere, com o copista tirando o instrumento de escrita da matéria subjetiva antes de finalizar o traçado. Na figura 1, a mesma vogal também é uniformemente escrita entre as ocorrências, mas possui um traçado arredondado no mesmo ponto mencionado para a figura 2, marcando que o *a* foi escrito de uma só vez pelo copista, sem paradas (como em *macula*). Pela análise do *e* também se entrevê discrepâncias da mesma natureza entre os punhos.

Em contrapartida, entre todas as ocorrências nas figuras 3 e 4, *a* e *e* são escritos de maneira idêntica, com um só traço arredondado, semelhantes aos presentes na figura 1, mas diferentes o suficiente a ponto de ser possível atestar que se tratam de punhos diferentes. Assim, há três punhos diferentes nas quatro figuras apresentadas.

3. Edições

3.1. Edição paleográfica

3.1.1. Normas de edição

As normas utilizadas foram as mesmas usadas para a edição paleográfica da obra *Espelho da Cruz* (que antecede a oração em questão) do cód. alc. 221 (SANTOS, 2022). Essas normas abarcam aquelas preconizadas por Cambraia (2005), às quais foram acrescentadas maiores especificações tendo em vista as particularidades dos testemunhos. Em síntese, as normas são as seguintes:

- a) Na transliteração do texto das orações não se buscou representar cada símbolo gráfico distintamente, como estão no original, optando-se pela uniformização das variações alográficas, como no caso do <s>, que tem mais de uma forma, mas foi somente representado por <s>. As exceções foram <v> e <u>; e <j> e <i>, que assinalam diferenças fonéticas;
- b) A distinção entre o uso de maiúsculas e minúsculas foi mantida como aparece no original, baseando-se na forma dos grafemas. A única capitular foi transcrita como maiúscula, negritada e a ela foi vinculada uma nota de rodapé;
- c) A separação vocabular – com base na proximidade entre os termos, não sendo feita a inserção de hifens – e a translineação também foram mantidas;
- d) Todas as abreviaturas foram desenvolvidas, usando-se itálico para as letras acrescentadas. Para aquelas com letra sobrescrita ou sinal gráfico especial, usou-se a forma mais adequada dentro da tradição da área. Em caso de dúvida, o trecho desenvolvido foi italicizado e deixado entre parênteses simples;
- e) A nota tironiana, que indica a conjunção aditiva, foi transcrita como <e> e italicizada;
- f) A pontuação (ponto, barra vertical e barra oblíqua) foi mantida, com os sinais estando espaçados dos vocábulos (à esquerda e à direita), mesmo quando visualmente unidos a eles;
- g) Os cancelamentos foram assinalados entre chaves duplas e as inserções na entrelinha com parênteses angulares duplos;
- h) Inserções conjecturais pelo contexto aparecem entre colchetes simples. As supressões homeotelêuticas, isto é, repetições de vocábulos ou trechos por erro do copista, aparecem entre colchetes duplos. No caso de dúvida, os caracteres foram colocados entre parênteses simples. Para os de identificação impossível, usou-se um asterisco para cada caractere;
- i) Os fôlios foram numerados com números arábicos dentro de colchetes simples no começo da primeira linha de cada fôlio, com a indicação da face (recto: r; ou verso: v);
- j) Não se transcreveu o sinal diacrítico sobre o <i> que lembra o acento agudo do sistema de escrita atual;
- k) Notas marginais sem relação com o texto não foram transcritas, mas aparecem em nota de rodapé quando pertinente.

3.1.2. Textos

3.1.2.1. Versão do cód. alc. 89 (ff. 177r-178r)⁹

[f. 177r] <H>ũã¹⁰ uez foi hũũ homẽ *que* auia gram deuaçã nas | chagas de ihesu *christo* e muito tempo auia *que* Rogaua | anoso *Senhor* ihesu *christo* *que* lhe ouuese de Reuelar quantas ch|agas Recebera eno seu beento corpo no dia da sua san|ta paixom eueo hũũ dia *que* stando elle em Joelhos ante | oaltar mui deuota mẽte fazendo oraçom em segredo | apareçoo lhe ihesu *christo* cruçifizado cõ todas aquelas chagas | *que* auia Reçebidas em todoo seu corpo na sua santa paixõ | e diselhe *deus* tesalue amigo meu muitos dias me as Ro|gado *que* eu te Reuelase todas as minhas chagas e Eu o|uui atua oraçõ Eute quis uijnr appareçer ati asy como | estaua na santa sesta feira de emdoenças na crux e em | aqesta maneira me ueeram os Justos e os pecadores n|o dia do Juizo uijnrei aJulgar os boos e os maaos e aque|le santo homẽ Respondeo *Senhor* peçote *que* me qeiras perdoar e | Responde ao *que* te demãdarei e diselhe ihesu *christo* *que* muito de | grado ofaria Eaquele santo homẽ dise Rogote *Senhor* *que* me digas | se daqestas chagas *que* me mostras asi frescas se sofres algũã | pena *que* lhe parecia *que* aquele dia foram feitas e Respondeo | [f. 177v] lhe ihesu *christo* çertas no dia santo demdoenças eu | as sofri mas como Resurgi ao dia da pascoa o meuc|orpo foi glorificado [[o corpo]] e o corpo glorificado nõ | pode auer pena nẽ hũã Eporem eu nõ as soffro m|ais as minhas chagas { {som} } stom sempre taaes e | tam tam frescas seerom ao dia do Juizo como odia | santo da sesta feira por tal *que* os pecadores *que* nõ qui|serom soffrer algũũ trabalho por mÿ nẽ quiserom ho|rar aminha paixom aueram gram temor eReçeo | e aqueles *que* soportarom tribulações por mÿ aueram grã|de prazer e galardam Edise aquele santo homẽ peçote | *Senhor* *que* me leixes cõtar quantas chagas ha eno teu corpo | beento Eihesu *christo* Respondeo fazeo asy pois queres Eo sa|nto homẽ contouas e achou *que* eram per todas cinco mil e | çento e nouẽta e çinco e dise aquele santo homẽ peçote | *Senhor* *que* me digas *que* merito auera aquel *que* diser por cada hũã | chaga hũũ pater nostro hũã aue *Maria* por oteu louuor e | Reuerençia e ihesu *christo* Respondeo faço te saber *que* quem d|iser por cada hũã chaga ao meu louuor hũũ pater noster | e hũã aue *Maria* se esteuer em pecado mortal logo saira d|ele e nõ podera morrer maa morte nẽ subitania mente | Ese algũũ amigo seu ou parente em pecado mortal es|teuer pelo qual el faça esta oraçõ logo saira dele Ese p|adre ou madre ou parente ou amigo seu enas penas do | purgatorio esteuer pelo qualel faça esta oraçõ logo saira | daquelas penas e hira agloria do paraiso Editas estas cou|sas . / ihesu *christo* desapareçoelhe e osanto homẽ ficou muito cõ|solado desto *que* auia uisto e ouuido e foise a hũũ *Moesteiro* de molh|eres e cõtoulhes todo aqesto *que* auia uisto e ouuido e Rog|oulhes *que* fezesem esta oraçõ de suso dita e ouue hi algu[a]s | *quea* começaram e acabaram e outras *quea* começaram e nõ acaba|rom e outras *quea* nõ cõmeçarõ nẽ acabaram Eacabo d[e] | hũũ ano osanto homẽ se lançou em oraçõ aihesu *christo* *que* lhe Re-[f. 178r]¹¹-uelase aquelas *que* auiam cõprida

⁹ O texto da oração inicia-se na l. 11 do f. 177r e termina na l. 11 do f. 178r.

¹⁰ <h> de espera na margem, sem capitular.

¹¹ Deste fólio foram cortadas duas tiras retangulares da matéria subjetiva após o fim do texto da oração.

aoraçõ euio totalas do|nas do *Moesteiro* ante oaltar *eaqelas que* acabaram aoraçom | eram sete uezes mais claras *queo sol eaquelas que* comecarõ | e nõ acabaram tijnhom ocorpo mui claro e acabeça es|cura *Eaquelas quea* nõ quiserom comecar nõ acabar eram | todas escuras muito Equẽ *quiser* dizer esta oraçõ das | chagas de suso ditas se *diser* cadadia . 1 . uezes opater n|oster e aue *Maria* Em çento e quatro dias auera acabada | E quẽ *diser* todos os dias de hũũ ano *{e}* quijnze uezes o | pater noster<r> e aue *Maria* auera aoraçã acabada Eqem poder | *dizer* esta oraçõ noso *Senhor deus* lhe dara boo galardom deo *graças*

3.1.2.2. Versão do cód. alc. 221 (ff. 142v-143v e 144r)¹²

[f. 142v] **Hũã**¹³ uez foy hũũ homẽ que hauja grã | deuaçõ nas chagas de *ihesu christo* e muj|to tempo auja *que* rogaua anosso senhor *ihesu christo* *quelhe* ouuesse de reuelar quãtas chagas re|cebera enoseu bẽ<<e>>to corpo nodia da sua *sancta* | paixõ . e ueo hũũ dia *que* estãdo ele em jeolhos | ante o altar muj deuotamẽte fazẽdo oraçõ | em segredo apareceolhe *ihesu christo* crucificado | cõ todas *aquelas* chagas *que* hauja recebidas ã | todo osseu corpo nasua *sancta* paixõ . E diselhe | *deus* te salue amjgo meu . mujtos dias meas | Rogado *que* eu te reuellasse todas as m|jnhas | [f. 143r] chagas . e eu ouuj atua oraçõ . Eute *quis* v|j|r | aparecer aty assy como estaua na santa sesta | feira de endoẽças na cruz he em *aquesta* man|eira me verã os justos e os peccadores no | dia do jujzo ujirey ajulgar os boos e os | maaos . / E *aquele* santo homẽ . Respondeo | Senhor peçote *queme* queiras perdoar e res|pondeme ao que te demandarey . E disselhe | *ihesu christo* *que* mujto de grado ofaria . / E *aquele* | santo homẽ disse . Rogote senhor *quemedi*|gas se daquestas chagas que me mostras | assy frescas se sofres alguũã pena . *quelhe* | parecia *que* *aquele* dia forã feitas . E Respon|deolhe *ihesu christo* Certas no dia *sancto* de endoenças | eu as sofry mais como Resurgi ao dia da | pascua . omeu corpo foi glorificado e ocor|po glorificado nõ pode hauer pena njnhũã | E porem eu nõ as soffro mais as m|jas chagas | estã sempre taaes e tã frescas seerom ao | dia do jujzo como odia santo da sesta fei|ra por tal *que* os peccadores *que* nõ qujserom | sofrer algum trebalho por m|y nõ qujserõ | horar am|jnha paixõ auerã gran temor e | Reçeo . / E *aqueles* que soportarõ tribulações | por m|y auerã grande prazer e galardom | E disse *aquele* *sancto* homẽ . peçote senhor *que* me | leixes cõtar quantas chagas ha eno teu cor|po bẽto / E *ihesu christo* Respondeo fazeo assy pois | *queres* . / E o *sancto* homẽ *contouas* e achou *que* eran | *per* todas çjnquo m|j e cẽto e nouẽta e cinco | [f. 143v] e disse *aquele* *sancto* homẽ . peçote senhor *que* me di|gas que merito hauera *aquele* *que* *diser* por cada | hũã chaga hũũ pater noster e hũã aue maria | por oteu louuor e Reuerẽcia . / E *ihesu christo* res|pondeu . façote saber *que* quẽ *diser* por cada | hũã chaga ao meu louuor hũũ pater noster | e hũũa aue maria se esteuer ã peccado m|ortal logo sayra dele e nõ podera morrer | maa morte nõ subitamẽte . / E se algũ am|jigo seu ou parẽte ã peccado mortal este|uer pelo qual ele faça esta oraçõ logo sa|yra dele e se padre ou madre ou parẽte ou | amjgo seu enas penas do purgato[rio] este|uer pelo qual ele faça esta oraçõ logo sayra | *daquelas* penas e yra

¹² O texto da oração inicia-se na l. 19 do f. 142v e termina na l. 8 do f. 144r.

¹³ <H> capitular em rubrica com <h> de espera na margem esquerda.

a agloria do parayso | E ditas estas cousas ihesu christo desapareceulle | e osanto homẽ ficou mujto consolado desto | que auja visto e ouujdo . E foise ahũũ mo|esteiro de molheres e cõtoulhes todo esto | que hauja visto e ouujdo e Rogoulhes que fe|zesem esta o[r]açõ de suso dita e ouue hy | algũã<s> quea começarõ e acabarõ e outras | quea começarõ e nõ acabarõ e outras quea | nõ começarõ nõ acabarõ . / E acabo de hũ | ano o sancto homẽ se pos em oraçõ a ihesu christo | quelhe Reuelase aquelas que haujã comprida aoraçõ | e vio todas as molheres do moesteiro ante | o altar e aquelas que acabarõ aoraçõ erã se|te vezes mais claras queo sol . e aquelas que come|carõ e nõ acabarõ tjnham ocorpo muj | [f. 144r]¹⁴ claro e acabeça escura . / E aquelas que nõ qujserõ¹⁵ co|meçar nõ acabar erã todas escuras mujto . / E quẽ | quiser dizer esta oraçõ das chagas de suso ditas sedi|ser cada dia . l . uezes o pater noster e a aue marja ã | cẽto e . iiij^o . dias auera acabada . E quẽ diser todos | os dias de hũũ ano . qujnze uezes o pater noster e aue | marja auera aoraçõ acabada . / E quẽ poder di|zer esta oraçõ nosso senhor deus lhe dara bõ galardado

3.2. Edição crítica

3.2.1. Escolha do texto-base e normas de edição

Como no caso do texto que precede, em ambos os códices, a oração aqui em estudo – o *Espelho da Cruz* (cód. alc. 89, ff. 1r-177r; cód. alc. 221, ff. 2r-142v) –, há evidências de que a oração seja um caso em que a versão do cód. alc. 89 foi modelo para a versão do cód. alc. 221: essas evidências são (a) a presença da tendência à lusitanização do texto no cód. alc. 221 (cf. *subitania mente* e *donas* no cód. alc. 89, mas *subitamẽte* e *molheres* no cód. alc. 221) e (b) a incorporação de correções do cód. alc. 89 na versão do cód. alc. 221 (cf. *{{som}}* *stom* no cód. alc. 89, mas apenas *estã* no cód. alc. 221).

Ainda que o punho responsável pela oração no cód. alc. 89 seja diferente do relativo ao *Espelho da Cruz* no mesmo códice, as evidências acima citadas sugerem se tratar de um caso de transmissão vertical. Em vista disso, uma edição crítica pode ser realizada (a) tomando a versão do cód. alc. 89 como texto-base e a do cód. alc. 221 como possuidora de variantes a serem registradas, caso em que o objetivo é fixar a versão original da oração; ou (b) tomando a versão do cód. alc. 221 como texto-base e a do cód. alc. 89 como possuidora de variantes a serem registradas, caso em que o objetivo é fixar a versão final da oração. Levando em conta a interpretação de que a versão do *Espelho da Cruz* do cód. alc. 89 seria “um documento preparatório” (BICO, 2021, p. 39) e admitindo que a versão da oração em estudo do cód. alc. 89 seria caso semelhante, parece adequado optar pela segunda proposta de edição, ou seja, tomar a versão do cód. alc. 221 como texto-base. Nesse caso, não se justifica uma seleção de variantes, porque a versão final (acabada, e não preparatória) é a desse testemunho. No

¹⁴ Este fólio tem uma dimensão menor do que os demais, como é possível perceber pela quantidade reduzida de linhas. Ele é numerado como 125 e 144A na margem superior mais à esquerda, e 142, mais à direita, explicitando que sua menor dimensão pode ter feito com que ficasse perdido em meio aos outros fólhos.

¹⁵ Na margem superior, no canto direito, está escrito em punho diferente: <Este pedaço he o que falta no fin Deste Liuro>.

entanto, nos casos em que a versão do cód. alc. 221 (designado por *A* no aparato) apresenta falhas materiais, adota-se a variante do cód. alc. 89 (designado por *B* no aparato) como forma de suprir a lacuna dessas falhas.

Buscou-se produzir uma edição crítica com regularização gráfica, para que se pudesse disponibilizar o texto para um público mais amplo. As normas adotadas seguem as preconizadas por Cambraia (2005) e aplicadas por Cambraia (2017), com as adaptações que se fizeram necessárias. As normas adotadas foram as seguintes:

- a) Caracteres alfabéticos:
 - Transcritos com caracteres romanos redondos;
 - Regularização do módulo segundo o que se usa atualmente;
 - Regularização de alógrafos contextuais segundo o que é usado atualmente;
 - Regularização gráfica segundo o que rege o sistema atual nos casos abaixo:
 - i) Simplificação de caracteres vocálicos duplos, a não ser em casos ligados à etimologia;
 - ii) Simplificação de caracteres consonantais duplos, a não ser em casos ligados à etimologia, como *rr* e *ss*, os quais são restituídos se forem simples;
 - iii) Regularização da indicação de nasalidade: *n* ou *m* para nasalidade medial, a depender do contexto;
 - iv) Regularização do uso de *i* e *v* no lugar de *j/y* e *u*, nos contextos pertinentes; de *c*, *ç* e *sc* para as consoantes sibilantes e africadas; do *c* e do *qu* para as velares (a não ser que o *qu* seja etimológico); e do *h* a partir da etimologia.
- b) Desenvolvimento de abreviaturas sem realce aos caracteres acrescidos;
- c) Aplicação de diacríticos e sinais de pontuação conforme uso atual, respeitando a sintaxe textual;
- d) Caracteres na entrelinha foram transcritos no ponto conveniente;
- e) Separação/junção de vocábulos/caracteres conforme uso atual, seguindo a lógica do vocabulário morfológico, usando-se hífen para os casos de ênclise;
- f) As linhas foram numeradas de 5 em 5, junto da margem esquerda, reiniciando em cada nova página;
- g) No aparato crítico, apresentam-se as variantes do cód. alc. 89 que não sejam apenas gráficas.

3.2.2. Texto crítico

Ûa vez foi ùum homem que havia gram devaçom¹⁶ nas chagas de Jesu Cristo, e
 muito tempo havia que rogava a Nosso Senhor Jesu Cristo que lhe houvesse de revelar
 quantas chagas recebera eno Seu bẽento¹⁷ corpo no dia da Sua sancta¹⁸ paixom; e veo
 ùum dia que, estando ele em jeolhos¹⁹ ante o altar, mui devotamente fazendo oraçom
 5 em segredo, apareceo-lhe Jesu Cristo crucificado com todas aquelas chagas que havia
 recebidas em todo o Seu corpo na Sua sancta²⁰ paixom. E disse-lhe: “Deus te salve,
 amigo meu. Muitos dias Me has rogado que Eu te revelasse todas as Minhas chagas e
 Eu ouvi a tua oraçom. Eu te quis viir²¹ aparecer a ti assi como estava na santa sesta-feira
 de endoenças na cruz²², e em aquesta maneira Me veram²³ os justos, e os pecadores
 10 no dia do júizo viirei²⁴ a julgar os boos e os maos”. E aquele santo homem respondeo:
 “Senhor, peço-Te que me queiras perdoar e responde ao que Te demandarei”. E disse-lhe
 Jesu Cristo que muito de grado o faria. E aquele santo homem disse: “Rogo-Te, Senhor,
 que me digas se, daquestas chagas que me mostras assi frescas, se sofres algũa pena que
 Lhe parecia que aquele dia foram feitas”. E respondeo-lhe Jesu Cristo: “Certas, no dia
 15 sancto²⁵ d’endoenças, Eu as sofri, mas, como ressurgi ao dia da Páscoa²⁶, o Meu corpo
 foi glorificado e o corpo²⁷ glorificado nom pode haver pena ninhũa²⁸. E, por ém, Eu nom
 as soffro mais. As Mias²⁹ chagas estam³⁰ sempre taes e tam³¹ frescas seerom ao dia do
 júizo como o dia santo da sesta-feira, por tal que os pecadores que nom quiserom sofrer

¹⁶ A: deuaçã.

¹⁷ A: beento; B: bẽ<<e>>to.

¹⁸ A: santa.

¹⁹ A: joelhos.

²⁰ A: santa.

²¹ A: uijnr.

²² A: crux.

²³ A: ueeram.

²⁴ A: uijnrei.

²⁵ A: santo.

²⁶ A: pascoa.

²⁷ A: [[o corpo]] e o corpo.

²⁸ A: nẽ hũa.

²⁹ A: minhas.

³⁰ A: {{som}} stom.

³¹ A: tam tam.

algum³² trebalho³³ por Mim nem quiserom orar a Minha paixom haveram gram temor
 20 e receo. E aqueles que soportarom tribulações por Mim haveram grande prazer e
 galardom³⁴. E disse aquele sancto³⁵ homem: “Peço-te, Senhor, que Me leixes contar
 quantas chagas há eno Teu corpo bẽento³⁶”. E Jesu Cristo respondeo: “Faze-o assi pois
 queres”. E o sancto³⁷ homem contou-as e achou que eram per todas cinco³⁸ mil e cento
 e noventa e cinco, e disse aquele sancto³⁹ homem: “Peço-Te, Senhor, que Me digas que
 25 mérito haverá aquele que disser por cada ãa chaga ãum Pater Noster⁴⁰ e⁴¹ ãa Ave Maria
 por o Teu louvor e reverência”. E Jesu Cristo respondeu⁴²: “Faço-te saber que, quem
 disser por cada ãa chaga ao Meu louvor ãum Pater Noster e ãa Ave Maria, se estiver em
 pecado mortal, logo sairá dele e nom poderá morrer máa morte nem subitamente⁴³. E, se
 algum⁴⁴ amigo seu ou parente em pecado mortal estiver pelo qual ele⁴⁵ faça esta oraçom,
 30 logo sairá dele. E, se padre ou madre ou parente ou amigo seu enas penas do purgatório⁴⁶
 estiver pelo qual ele⁴⁷ faça esta oraçom, logo sairá daquelas penas e irá aa⁴⁸ glória do
 paraíso.” E, ditas estas cousas, Jesu Cristo desapareceu⁴⁹-lhe, e o santo homem ficou
 muito consolado desto que havia visto e ouvido.

³² A: algũũ.

³³ A: trabalho.

³⁴ A: galardam.

³⁵ A: santo.

³⁶ A: beento.

³⁷ A: santo.

³⁸ A: cinco.

³⁹ A: santo.

⁴⁰ A: nostro.

⁴¹ A: om.

⁴² A: Respondeo.

⁴³ A: subitania mente.

⁴⁴ A: algũũ.

⁴⁵ A: el.

⁴⁶ B: purgato[rio].

⁴⁷ A: el.

⁴⁸ A: a.

⁴⁹ A: desapareço.

E foi-se a ãum moesteiro de molheres, e contou-lhes todo esto⁵⁰ que havia visto e ouvido, e rogou-lhes que fizessem esta oraçom⁵¹ de suso dita. E houve i algũas⁵² que
35 a começaram e acabaram; e outras que a começaram e nom acabaram; e outras que a
nom começaram nem acabaram. E, a cabo de⁵³ um⁵⁴ ano, o sancto⁵⁵ homem se pôs⁵⁶
em oraçom a Jesu Cristo que lhe revelasse aquelas que haviam comprida a oraçom, e vio
todalas molheres⁵⁷ do moesteiro ante o altar. E aquelas que acabaram a oraçom eram sete
vezes mais claras que o sol; e aquelas que começaram e nom acabaram tinham⁵⁸ o corpo
40 mui claro e a cabeça escura; e aquelas que nom⁵⁹ quiserom começar nem acabar eram todas
escuras muito.

E quem quiser dizer esta oraçom das chagas de suso ditas, se disser cada dia L
vezes o Pater Noster e Ave Maria, em cento e IIII⁶⁰ dias haverá acabada. E quem disser
todos os dias de ãum ano quinze vezes o Pater Noster⁶¹ e Ave Maria haverá a oraçom⁶²
45 acabada. E quem poder dizer esta oraçom, Nosso Senhor Deus lhe dará bom⁶³ galardom⁶⁴.

Considerações finais

Edições paleográficas e críticas têm o papel importante de resgate cultural e de disseminação de conhecimento sobre práticas sociais de outras épocas. O esforço individual aqui empreendido de dar a conhecer um testemunho do passado certamente contribui para que se possa ampliar, ainda que com pequenos passos, os conhecimentos sobre as tradições e os costumes humanos. A ideia de uma pessoa

⁵⁰ A: aquesto.

⁵¹ B: o[r]açõ.

⁵² A: algu[a]s, B: algũã<s>.

⁵³ A: d[e].

⁵⁴ A: hũũ.

⁵⁵ A: santo.

⁵⁶ A: lançou.

⁵⁷ A: donas.

⁵⁸ A: tijnhom.

⁵⁹ A: a nom.

⁶⁰ A: quatro.

⁶¹ A: noste<r>.

⁶² A: oraçã.

⁶³ A: boo.

⁶⁴ A: galardom deo graças; B: galardado.

emparedada, como no códice de Barcarrota, presa em um cômodo escuro e vivendo em solitude quase completa para servir a Deus, improvável nos dias atuais, chegou a ser uma forma aceita de se viver no passado, o que seguramente poderia por vezes criar condições para experiências como a retratada na narrativa analisada neste estudo, ainda que no texto da oração não haja menção à reclusão religiosa do homem a quem foi feita a revelação.

Referências

AMOS, T. L. *The Fundo Alcobaça of the Biblioteca Nacional, Lisbon*. Collegeville: Hill Monastic Manuscript Library, 1988-1990. 3 v.

ANSELMO, A. J. Os antigos códices portugueses do Mosteiro de Alcobaça. *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Lisboa, v. 6, n. 22-23, pp. 102-25, 1925. Disponível em: https://purl.pt/258/1/bad-1510-v/index-06-HTML/M_index.html. Acesso em: 31 mar. 2023.

ASKINS, A. L.-F. Notes on three prayers in late 15th. Century Portuguese (the *Oração da Emparadeada*, the *Oração de S. Leão*, *Papa*, and the *Justo Juiz*). *Revista de Estudos Ibéricos*, Porto, n. 4, pp. 235-66, 2007. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/pen/article/view/11873>. Acesso em: 31 mar. 2023.

BICO, M. I. M. *Espelho da Cruz: tradição, transmissão e tradução*. 2021. 3 v. Dissertação (Mestrado em Crítica Textual) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/48933>. Acesso em: 31 mar. 2023.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMBRAIA, C. N. *Livro de Isaac: edição crítica da tradução medieval portuguesa da obra de Isaac de Nínive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

GONZÁLEZ, J. M. C. Portugal en la Biblioteca de Barcarrota: la Oración de la Emparadeada. *Anuario de Estudios Filológicos*, Cáceres, v. 28, pp. 21-34, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10662/1142>. Acesso em: 31 mar. 2023.

INDEX Codicum Bibliothecae Alcobatiae. Lisboa: Typographia Regia, 1775. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=5OF0Fk1cTAKC>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SANTOS, M. A. dos. *Espelho da Cruz (cód. alc. 221): edição e estudo*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/44679>. Acesso em: 27 mar. 2023.

WELLESLEY, M. The life of the anchoress. 2018. Disponível em: <https://www.bl.uk/medieval-literature/articles/the-life-of-the-anchoress>. Acesso em: 31 mar. 2023.